

## COLETIVO DE ARQUITETURA HÁ BAIXA: Intervenções urbanas participativas

WEISER, ALICE A.

Universidade Federal do Amapá. Departamento de Arquitetura e Urbanismo  
weiser.alice.a@gmail.com

As intervenções urbanas são apropriações de determinados objetos arquitetônicos ou urbanos, em diferentes escalas, que visam tratar temáticas distintas frente a condicionantes específicos de cada cidade (mobilidade, segurança, acessibilidade, dotação de equipamentos públicos, equidade, identidade). Quando estas são elaboradas e colocadas em prática juntamente com os atores presentes no espaço de atuação, tornam-se participativas, pois garantem a ação da sociedade perante o objeto de intervenção.

O ator é alguém que representa um papel dentro de uma trama de relações. Um determinado indivíduo é um ator social quando ele representa algo para a sociedade, podendo ser uma classe social, um grupo ou até mesmo uma instituição (SOUZA, 1991).

Atualmente, o arquiteto vem exercendo um ofício cada vez mais abrangente e diversificado, tendo de lidar com a interdisciplinaridade e o sentido de colaboração. O arquiteto deixa de fazer cidade apenas por meio dos seus projetos e passa a assumir um papel de agente que pensa a cidade através de todas as suas camadas (físico, social, econômico, político e cultural). Sendo assim, a manifestação dos atores sociais é de grande importância quando se trata de intervenções urbanas participativas, visto que são eles que conhecem e vivenciam com o objeto de mediação.

A Baixa da cidade de Coimbra (PT) é um centro que mistura comércio, habitação e séculos de história. Esta, ao longo do tempo, passou por várias alterações do tecido urbano e obteve a presença de diversos monumentos, configurando-se como um espaço distinto que figura tanto a cultura, como a memória da cidade. Em muitas situações a Baixa é vista como uma zona independente do conjunto urbano da cidade de Coimbra, seja pela singularidade do local ou pelas inúmeras problemáticas existentes.

Segundo Xavier (2011), o surgimento das novas centralidades urbanas conduziram ao esvaziamento da Baixa, levando à debilitação do comércio tradicional e as demais atividades desenvolvidas na área. O afas

tamento dos habitantes, revela-se como um dos principais problemas que caracterizam os centros históricos, o chamado processo de “desertificação”.

Esse processo acaba por ser intensificado com os focos de prostituição, tráfico de drogas e comércio de produtos ilegais; a presença de indivíduos desabrigados; o envelhecimento e abandono do edificado; a forte especulação imobiliária e; a falta de iluminação das várias artérias da Baixa. No meio deste impasse, há ainda uma população envelhecida e em várias situações de carência que necessitam de assistência (SOLDADO, 2017).

A Baixa tem vindo a perder sua diversidade e isso se traduz na visibilidade que os problemas sociais vem atingindo. Mesmo com as iniciativas governamentais e institucionais realizadas no local, as adversidades permanecem.

Esta zona da cidade de Coimbra “esquecida” e moldada por todos estes fatores, recebeu no ano de 2016 intervenções por parte de um grupo de estudantes e docentes do Departamento de Arquitetura (DARq) da Universidade de Coimbra (UC). Intitulado como Há Baixa (HAB), pretendia estabelecer a ligação e cruzamento entre a academia e a cidade, buscando promover a ideia de comunidade e cooperação, estimulando a participação de todos os atores da cidade, assim como, o trabalho em rede, atingindo desta forma, o objetivo de envolvimento e articulação das diferentes participações e participantes.

Os moldes do projeto baseiam-se no voluntariado de pessoas motivadas a aprender, ajudar e construir, o que torna-o, em um evento que reúne diferentes indivíduos com idades e opiniões distintas voltadas ao mote: “Experimentar e praticar ajudando”. Esta forma de atuação acaba também, por estabelecer uma ligação direta com a prática da arquitetura, algo tão almejado pelos estudantes desta área.

Os materiais são cedidos por meio de doações e a construção é realizada com o auxílio de técnicos, mestres, estudantes e comunitários que recebem orientações criteriosas quanto ao tipo dos materiais manuseados. Os espaços para atuação são selecionados conforme algumas prerrogativas estabelecidas pelo grupo, seja pela requalificação de determinados ambientes ou edifícios, seja pelo ato de chamar atenção para um espaço público despercebido.

Na primeira edição do projeto Há Baixa, foram reabilitados dois espaços comerciais, uma habitação e o pátio-jardim de uma cantina social, além da construção de uma estrutura efémera e polivalente instalada no Largo do Romal. Já na segunda edição do mesmo, os estudantes introduziram algumas

mudanças na organização, inserindo outros cursos no coletivo e realizando um concurso para ocupação de três largos da Baixa (Fornalinha, Paço do Conde e Adro de Baixo). Foram reabilitadas duas habitações e uma casa do período medieval, realizou-se também, uma ocupação temporária e elaborou-se estruturas para o comércio de rua, além da organização de várias oficinas e colóquios para discussão das problemáticas existentes no local e formas de atuação.

O Há Baixa deu a oportunidade de estudantes colocarem, na prática, o conhecimento que foi lecionado em sala de aula. O contanto social que foi estabelecido aos poucos, revelou a real proporção das adversidades do local quando vivenciadas diariamente. O coletivo conseguiu sensibilizar boa parte da população quanto a sua atuação e importância, mobilizando e inserindo no projeto moradores e comerciantes da Baixa, estabelecendo desta forma, uma troca de conhecimento dentre ambos.

As intervenções urbanas participativas são de grande importância atualmente, visto que são capazes de mobilizar e chamar a atenção para condicionantes específicos de cada núcleo urbano, garantindo, ao mesmo tempo, a ação da sociedade em face dos mesmos.

### Referências Bibliográficas

SOLDADO, Camilo. A reabilitação da Baixa de Coimbra não passa só pelas casas mas também pelas pessoas. Publicado em fevereiro de 2017. Disponível em: <<https://www.publico.pt/2017/02/25/local/noticia/a-reabilitacao-da-baixa-de-coimbranao-passa-so-pelas-casas-mas-tambem-pelas-pessoas-1763258>> Acessado em: 27 de março de 2017.

SOLDADO, Camilo. Há Baixa começa a ganhar forma com ocupação de largos de Coimbra. Publicado em maio de 2017. Disponível em: <<https://www.publico.pt/2017/05/19/local/noticia/ha-baixa-comeca-a-ganhar-formacom-ocupacao-de-largos-de-coimbra-1772670>> Acessado em: 03 de set de 2017.

SOUZA, H. J. Como se faz análise de conjuntura. 11a ed. Petrópolis: Vozes, 1991. 54p.

XAVIER, Márcia R. F. Imagem da Baixa de Coimbra: Imaginabilidade, Identidade e Legibilidade. 2011. p 159. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura – Departamento de Arquitectura da FCTUC, Universidade Coimbra, Coimbra. 2011. Disponível em: <<https://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwjh7P7dvJXTAhV>>

CrRoKHUrEC6sQFggjMAE&url=https%3A%2F%2Fstudogeral.sib.uc.pt%2F-bitstream%2F10316%2F18406%2F1%2FM%25C3%25A1rcia%2520Xavier.pdf&usg=AFQjCNFqscNcg5W8p4Z24JluT6QE\_J23Ng&sig2=rBRv2mBfG5sgApZ-FqmOvw&bvm=bv.152180690,d.d2s> Acessado em: 20 de março de 2017.

<<http://www.dn.pt/sociedade/interior/prostituicao-e-trafico-de-droga-na-baixa-decoimbra-preocupa-5463704.html>> Acessado em: 03 de set de 2017.

<<http://www.baixadecoimbra.com/>> Acessado em: 03 de set de 2017.

<<http://noticias.uc.pt/universo-uc/uc-apoia-com-3500-euros-o-projeto-ha-baixa-narequalificacao-de-espacos-na-baixa-de-coimbra/>> Acessado em: 03 de set de 2017.

<<http://p3.publico.pt/node/20605>> Acessado em: 03 de set de 2017.

<<https://ppl.com.pt/causas/ha-baixa-2edicao>> Acessado em: 03 de set de 2017.